

DEEPAK CHOPRA

DEUS

Tradução de Alcinda Marinho

1

JOB

Eu sou o Senhor, o teu Deus

– Onde acaba o mundo? – perguntou o pai.

O filho, Job, não estava preparado para responder à questão. Era primavera. No exterior das suas tendas, as primeiras brisas amenas traziam consigo os sons aprazíveis do canto das aves e do balir dos cordeiros que brincavam. Os amigos do rapaz pontapeavam uma bola de couro pelos campos fora.

– Fiz-te uma pergunta.

Job puxou as tiras das sandálias e olhou para o chão de terra batida, coberto por um tapete.

– O mundo acaba nas muralhas da cidade, que mantêm os demónios lá fora.

Era algo que parecia razoável a um rapaz de dez anos. Job fora avisado sobre os demónios muito cedo e os seus nomes, como Moloch ou Astaroth, ficaram-lhe gravados na memória. As garras e as presas caussavam-lhe um fascínio cheio de terror. Quando o frio do inverno obrigava os pastores a refugiarem-se de novo dentro das muralhas da cidade, Job sentia-se como um prisioneiro, mas estava proibido de se aventurar naquele espaço, onde era tão fácil engolir acidentalmente um demónio como um mosquito.

O pai abanou a cabeça.

– Experimenta outra vez. Onde acaba o mundo?

O pai de Job, um homem alto, erguia-se sobre ele com uma expressão ameaçadora no rosto, totalmente deslocada naquele tecelão que era quase tão benevolente com os filhos como com a esposa. Desta vez, porém, Job soube instintivamente que a expressão do pai representava perigo.

– O mundo acaba onde a Judeia se encontra com a terra da guerra – respondeu.

Esta resposta tinha de estar certa. O seu vale verdejante, conhecido pelo nome de Uz, desvanecia-se gradualmente no deserto escaldante, como leite derramado que flui até ser completamente absorvido pela areia. A diferença é que a terra da guerra sorvia sangue.

O pai, no entanto, continuava inclinado sobre ele.

– Pela última vez, rapaz: onde acaba o mundo?

Agora, o menino estava mudo de perplexidade. Baixou os olhos. De repente, sentiu uma pancada na cabeça, de lado, suficientemente forte para o atirar ao chão, onde Job ficou, muito quieto. Quando deixou de ver estrelas, fixou o pai, que estava dobrado sobre ele, observando-o como quem examina a ferida de um animal, em busca de vermes.

– O mundo acaba aqui – grunhiu o pai, erguendo o braço musculado sobre o rosto de Job. – Nunca te esqueças do meu punho.

Porque fazia ele aquilo? Não havia a mínima hipótese de o rapaz se pôr a chorar. A pancada fora uma injustiça. Um orgulho próprio das crianças pequenas ergueu-se dentro dele. Tinha sido ofendido e as ofensas merecem desprezo, não lágrimas. Contudo, o punho do pai permanecia fechado e Job não arriscaria um novo golpe. Mordeu o lábio e manteve uma expressão sem emoção até que o pai, convencido de ter passado a mensagem, se endireitou e saiu da tenda sem mais uma palavra.

O pai deixara cair algo e deixou o objeto para trás. Era um pedaço de tecido, um belo pano de lã branca com uma faixa púrpura. Job só reparou nele quando a mãe entrou de rompante na tenda, torcendo as mãos, molhadas de lavar a roupa. Não houve tempo para lhe contar o que se passara. Na realidade, não houve tempo para dizer o que quer que fosse antes de o rosto da mãe se contrair e esta gritar, agarrando no pedaço de tecido e pressionando-o contra o rosto.

Job estava espantado. A mãe era uma mulher digna, do género que desviava a cara para que não a olhassem enquanto amamentava um bebé. Job nunca a vira sem estar totalmente vestida. Subitamente, a mãe agarrou o seu vestido negro apertado e quase o arrancou do corpo aos puxões. Demorou algum tempo até os seus soluços asfixiados formarem uma palavra que o rapaz conseguisse compreender.

– Rebeca!

A irmã? Porque gritaria a mãe por ela? Job sentia-se perdido na sua confusão, até que se apercebeu de um facto, um simples facto agora carregado de terror. A sua irmã mais velha usava uma saia interior branca, de um tecido de qualidade. O pigmento púrpura de Tiro era muito caro, mas Rebeca estava noiva e a mãe do noivo fora-os visitar. Ambas as famílias estavam contentes com o casamento e, antes de ir embora, a mãe do noivo ofereceu à mãe de Job um novelo de fio púrpura. O fio foi imediatamente usado para debruar uma faixa no saiote branco de Rebeca, para que, ao caminhar, fosse possível ver-lhe um vislumbre de púrpura à altura dos tornozelos.

– Ela morreu? – murmurou Job, receoso de perguntar, mas mais receoso ainda por não saber a resposta. Ou a irmã arrancara o pedaço de tecido da roupa – ou tinha sido outra pessoa a fazê-lo.

A mãe apertou-o contra si num abraço forte. Job remexeu-se, sentindo a pele quente sob o corpete dela. Mal conseguia respirar, mas a mãe não o largava. O rapaz começou a arquejar.

– Job!

Era a voz do pai a chamar por ele. Ao mesmo tempo, o som de mulheres a correr na direção da tenda fez o corpo da mãe afrouxar. Os passos apressados penetraram na tenda. De súbito, o rapaz viu-se mergulhado num mar de lamentos. O pai gritou o seu nome de novo e Job libertou-se. Correndo lá para fora, olhou por cima do ombro. Na obscuridade da tenda, viu a mãe envolta por uma dúzia de mãos que a agarravam, como um bebé que várias parteiras puxam à força para um mundo terrível. Job queria protegê-la. Teria corrido para trás, para a arrancar das mãos que a agarravam, não fosse o pai tê-lo feito voltar-se.

– Agora já entendes? – perguntou o pai.

Mas como poderia entender? Vendo o seu olhar perplexo, o pai agachou-se.

– Deus deu-nos este lugar e tornou-o belo para nós. Mas não vendou os olhos aos forasteiros. Eles têm inveja. Roubam o que é belo e sabem que estão a fazer mal, é por isso que se escondem a coberto da noite.

Naquele momento, estava a amanhecer. As estradas levavam os viajantes para lá da sua cidade. Às vezes, os forasteiros chegavam gota a gota, como no caso dos vendedores ou dos peregrinos que iam para Jerusalém. Não, os peregrinos não deviam ser incluídos no grupo dos forasteiros, só os outros. Por vezes, este gotejar engrossava e havia exércitos a pisar as estradas. O país da guerra vinha bater-lhes à porta.

– Houve uma batalha? – perguntou Job.

Não tinha medo. Dentro de dois anos teria de ocupar o seu lugar junto das muralhas da cidade, a postos para o caso de os invasores da Pérsia ou de mais além matarem os homens e os rapazes mais velhos que ele. Até já tinha uma lança com a ponta de ferro. Dentro de dois anos podia ser tão alto como a lança.

– Uma batalha, não, meu filho. Foi um raide, feito por cobardes, homens que são piores que animais.

O que quer que tivesse acontecido fez os joelhos do pai vacilarem de repente e, quando este estendeu as mãos para endireitar os ombros de Job, o rapaz viu que tremiam. O pai não suportava a ideia de Job ver o seu rosto banhado em lágrimas. O rapaz, contudo, não sabia que esta era a razão para o pai se levantar e sair dali a correr, sem uma palavra. Mas nunca esqueceu. O dia em que o pai o atirou ao chão com uma pancada foi o dia em que a irmã, Rebeca, morreu. Provavelmente, a irmã tinha ido até ao poço com uma vasilha na cabeça, buscar água. Provavelmente, sorria, até se sentir ligeiramente desapontada por não ver ali mais mulheres ou raparigas para conversar um bocado. As carriças acastanhadas que costumavam mergulhar no poço estariam a cantar, ou será que sabiam?